



# 'Sei que sou uma PRIVILEGIADA'

Considerada uma das mulheres mais bonitas de Portugal, depois de anos a trabalhar no cinema e na televisão, Soraia Chaves investe agora no teatro. Está em cena no Teatro Joaquim Benite, em Cais Oeste, peça de Bernard-Marie Koltès. O futuro está em aberto com duas certezas: vai ser dona de um bordel em *Mata Hari* e quer regressar ao palco antes de voltar à televisão

Entrevista de Rita Silva Freire Fotografias de José Sérgio

**Está em cena no Teatro de Almada com a peça Cais Oeste, de Bernard-Marie Koltès, encenada por Ivica Buljan. Como surgiu?**

Estava a fazer uma viagem pela Patagónia quando recebi um *email* do Rodrigo Francisco, o director do Teatro de Almada, a propor-me esta personagem, a Monique. Fiquei com muita vontade de fazer a peça. O Koltès é um dramaturgo incrível, com uma escrita crua, cínica, e uma visão nada romântica da sociedade. E estava com vontade de voltar a fazer teatro.

**É a segunda peça que faz. Estreou-se em *Apenas Jardim*, de Hugo Mestre Amaro, em 2012.**

Na altura estava a gravar o *Dancing Days*. Depois da novela decidi parar por uns tempos e fui viajar, pensar no que queria fazer. E percebi que queria voltar a fazer teatro. Quando recebi o convite, pensei: é mesmo o momento ideal. Era exactamente o que eu queria fazer antes de voltar a fazer televisão. Já conhecia o autor, o Teatro de Almada tem uma enorme reputação, não havia dúvidas.

**Interpreta Monique, uma mulher rica que vai parar a um cais habitado por marginais.**

É uma sobrevivente. Aparece naquele lugar inhóspito e ao longo da peça o seu objectivo é sair dali. Há a urgência, o medo e a vontade de ir para o mundo civilizado. O espaço em que aquelas personagens se encontram fica entre o mundo civilizado e o mundo selvagem. Ninguém quer estar ali. Mas há uma grande força nela. Quando se encontra com as outras personagens não tem medo delas. Enfrenta-as e luta pelo seu lugar. A peça é uma reflexão sobre a nossa sociedade, em que os que têm muito dinheiro estão de um lado, onde os sonhos

**Nos ensaios senti medo, a sala é enorme. Mas sinto-me confortável por estar longe do público**

são possíveis, onde há um futuro e condições para se viver bem e, do outro, estão os que ficam à margem, que não têm sequer direito a sonhar.

**A peça esteve em Julho em cena no Festival de Teatro de Almada. Como correram as duas apresentações?**

A perspectiva do actor é sempre subjectiva. E eu estava bastante nervosa. Mas acho que correu bem. O público ficou em choque com a violência do texto e da encenação, o que era um dos objectivos do Ivica. Ele sempre nos incentivou a testarmos os nossos limites, a não ter medo de exhibir a violência e o lado animal do ser humano.

**Como é subir ao palco de Almada, que é enorme?**

Nos ensaios senti medo: Uau! Esta sala é enorme, como vou conseguir fazer isto? Mas senti-me mais confortável neste espaço por estar mais distante do público do que na primeira peça que fiz, no Teatro do Bairro, onde estava colada à audiência. Aqui não sinto o público. É como se não existisse.

**Como foi trabalhar com um encenador estrangeiro?**

É uma ideia estranha ser encenada por alguém que não fala a nossa língua. Mas foi fácil porque ele é muito expressivo. Quer que o corpo conte aquilo que estamos a sentir. A sua preocupação vai mais para o corpo do que para a palavra. Quer sentir os corpos vivos. A direcção dele é muito carnal, animalésca.

**Estudou teatro antes de o fazer?**

Sim, estive em Madrid, numa escola de teatro, o estúdio Juan Carlos Corazza. Estive um ano a fazer *workshops*, depois fiz dois anos de curso. Comecei a trabalhar sem ter nenhuma formação, comecei pelo cinema, depois passei para televisão. Por isso, tive vontade de ir para uma escola, de aprender. Era um curso de interpretação e estudávamos, sobretudo, peças de teatro.

**Já se imaginava em palco?**

Não, pensava em cinema e tele-

**O cinema é mais íntimo e subtil. Temos uma câmara colada à cara, podemos comunicar só com um olhar**

visão. O palco sempre me assustou, a forma de comunicar é muito mais aberta do que no cinema. O cinema é mais íntimo, mais subtil. Temos uma câmara colada à cara, podemos contar muita coisa apenas com um olhar. No teatro não. E não há cortes. Tinha sonhos em que estou prestes a começar a peça e não me lembro do texto.

**Isso não acontece na televisão...**

A televisão é outra coisa, exige uma maior ginástica do actor, exige que os instintos estejam muito presentes, para nos adaptarmos rapidamente a uma nova situação. É um desafio incrível. Os actores que conseguem fazer ▶

## Desde cedo que tenho vontade de conhecer o mundo todo. **Sempre que viajo tento ir para um continente ou uma zona diferente**

isso bem em televisão são extraordinários.

### **Gostaria de continuar a trabalhar nos três meios?**

Sim. Como espectadora sempre fui mais dedicada ao cinema do que ao teatro e, por isso, sempre foi o que quis fazer. Mas temos uma indústria pequena e não posso viver só dos trabalhos que de vez em quando surgem no cinema. Ficaria estagnada. Foi também por isso que quis experimentar o teatro, por não querer estar parada, querer evoluir e trabalhar. E é um mundo mágico, onde posso aprender e divertir-me. Já a televisão é ótima para treinar a ginástica e a flexibilidade das emoções.

### **Tem tido vários períodos de ausência. Porquê?**

Às vezes preciso de parar. Não sinto a pressão de estar sempre activa. Se há qualquer coisa que me falta ou que não me está a satisfazer, ou se não sei para onde ir, paro. Gosto de esperar pelo projecto certo, de reflectir e perceber por onde quero ir: Apavora-me sentir que entrei numa engrenagem de que não consigo sair. Prefiro parar e perceber o que quero fazer. Tenho necessidade de conhecer coisas novas, de ter novos desafios, de não me sentir presa numa só caixa. É isso que me faz ter calma e permitir-me, sem culpa, parar e esperar. E há outras coisas que posso fazer, como viajar e ler.

### **Viaja sozinha?**

Não, só se for no contexto de trabalho ou estudo. Quando vou de mochila às costas à descoberta tento sempre ter companhia. Já tentei ir sozinha e não gostei.

### **E vai por longas temporadas?**

Sim. Nós, actores, trabalhamos por projecto. Temos imenso tempo livre e o privilégio de o poder organizar. Gosto de via-

gens que me permitem explorar; fazer as coisas com calma.

### **A distância ajuda-a a perceber o que quer para a sua carreira?**

Sem dúvida, é fundamental para me distanciar da vida que tenho e ganhar uma nova perspectiva. Conhecer outras realidades inspira-me e ajuda-me a reflectir sobre o meu mundo.

### **Há algum lugar a que volte uma e outra vez ou prefere diversificar?**

Diversificar. Desde cedo que tenho vontade de conhecer o mundo todo. Por isso sempre que viajo tento ir para um continente ou uma zona diferente.

### **Algum lugar preferido?**

Gostei de todos. Estive no Sudeste Asiático, América do Sul, Índico, África, cada local com as suas características. Como gosto da descoberta não poderia escolher um. Quando voltar a viajar vou tentar ir a outro sítio.

### **Esteve agora em pausa?**

## **Às vezes preciso de parar. Não sinto a pressão de estar sempre activa. Gosto de esperar pelo projecto certo**

Sim. Fiz *As Linhas de Wellington* em 2012 e este ano estive a fazer um filme brasileiro em Moscovo, chamado *Vermelho Russo*. Há cinco anos estive em Moscovo a tirar um curso de teatro. Tinha um fascínio pela literatura e teatro russo e falaram-me de um grupo de São Paulo que organizava, todos os anos, uma viagem a Moscovo na qual, durante um mês, se está no Conservatório de Teatro de Moscovo a estudar o teatro russo. O grupo era brasileiro, eu era a única portuguesa. Debruçámo-nos sobre o Tchekhov. Cada ac-

tor escolheu um monólogo. Na altura fiz de Nina, de *A Gaivota*. Agora, para o filme, já fiz de Arkadina, deixei de ser a menina e passei a ser a mulher. O filme baseia-se na nossa experiência. Uma das actrizes brasileiras escreveu um diário sobre a experiência de estar na Rússia a estudar teatro. E o realizador, Charlie Brown, resolveu fazer um filme baseado nesse diário. **Antes fez *As Linhas de Wellington*. Como correu?**

Muito bem. É ambicioso fazer um filme de guerra e uma reprodução de época quando não há meios financeiros. Quando chegava aos cenários ficava fascinada com o que a equipa do Paulo Branco montou, a reprodução da época, os detalhes da guarda-roupa, o ambiente que criaram. Havia alturas em que estavam lá 500 figurantes, com tudo perfeito, cada figurante muito bem caracterizado. Gosto de fazer filmes de época. Vestimos a roupa, pomos a maquilhagem entramos no cenário e, de repente, sentimo-nos noutra época.

### **O filme ia ser realizado por Raúl Ruiz, que morreu antes de as gravações começarem. Chegou a conhecê-lo?**

Sim, o Paulo Branco organizou conversas com alguns actores para o Raúl Ruiz os conhecer. Estive com ele uma vez, num *lobby* de hotel, numa conversa breve. Tinha uma grande expectativa de trabalhar com ele, os actores que tinham feito os *Mistérios de Lisboa* contavam coisas incríveis sobre o seu trabalho. Falavam dele com uma admiração muito especial. **Estrearam no Festival de Veneza. Como foi essa experiência?**

Fantástica. Foi o elenco inteiro, divertimo-nos imenso. Apro-

veitámos bem aquele momento, que eu tinha a sensação de ser único na minha vida: estreiar um filme em Veneza. Há toda uma magia associada àquele fes-





tival. Foi muito bonito poder estar lá a representar o nosso cinema e estarmos todos juntos. **Fez O Crime do Padre Amaro em 2005. Antes trabalhava como**

**manequim. Como tem sido este percurso?**

Inicialmente fui levada pelos acontecimentos. O filme teve um sucesso surpreendente e

não tive controlo sobre o que aconteceu a seguir. Foi uma fase muito interessante. Mas depois senti-me a ser levada por essa corrente e tive que parar. Gosto de ter controlo sobre o que faço. Vou percorrendo o meu caminho à medida das necessidades que sinto: formação, televisão,

### **Já recusei papéis por sentir que a personagem era só a mulher sedutora, não representando um desafio para mim**

agora o teatro. Gosto de ir mudando, aprendendo, evoluindo.

#### **Já não trabalha como modelo?**

Pariei pouco depois de ter começado a trabalhar como actriz. Tenho feito alguma publicidade mas usando o meu nome. Não era o que queria fazer. Deixei a moda com muita facilidade.

#### **Costuma interpretar mulheres sexys. É preciso lutar contra um certo tipo de papéis?**

Sim. Há tendência de colocar o actor numa caixa, de o rotular. Conseguir ser convidada para fazer outro tipo de papéis é uma luta e leva o seu tempo. Ainda estou aí. Mas é natural e não há dedos a apontar a ninguém.

#### **Já recusou papéis para fugir ao rótulo de mulher bonita?**

Já recusei papéis por sentir que a personagem era só a mulher sedutora, a boneca, não representando qualquer desafio para mim. Mas se fosse um guião lindíssimo com a proposta de interpretar uma prostituta, como no *Call Girl*, faria. Aliás, vou agora fazer uma pequena participação numa série russa, que está a ser produzida cá, da *Mata Hari*. Fui fazer um *casting* para uma mulher de 30 anos, conservadora, pesada. Imaginei uma mulher azeda, frustrada, um pouco frígida.

Quando cheguei o realizador, que não me conhecia, olhou para mim e disse: 'Ah, eu tenho outra personagem para ti'. Depois recebi o telefonema da Patrícia Vasconcelos a dizer: 'Soraia, ficaste, mas com outro papel'. Vou interpretar a madame de um bordel. É divertido. Uma mulher que em 1900 gere um bordel deve ter uma força enorme. Apesar de ser uma prostituta e de se enquadrar na forma como muitas vezes me olham quando me escolhem papéis, há sempre uma forma de encontrar qualquer coisa de novo se o projecto for interessante.

#### **Tem mais planos?**

Não. Gostava de voltar a fazer teatro antes de fazer televisão. Se não surgir nenhum convite gostava de juntar uma equipa e produzir, para poder ganhar consistência nesta experiência que tenho tido nos palcos.

#### **Há alguma peça que gostasse particularmente de fazer?**

Não. Ainda estou no processo de fazer leituras e perceber o que poderia ser interessante.

#### **Não está preocupada com a falta de projectos?**

Nada. Aproveito para fazer estas coisas, ler e ter ideias. Gosto da sensação de deixar o futuro em aberto. Não gosto de sentir que está tudo programado, gosto desta liberdade.

#### **Não gostaria de ter agora um contrato de exclusividade, como já teve com a SIC?**

Não. Gosto de ter tempo. É para mim um privilégio poder parar. Por trabalhar em televisão e fazer publicidade consigo uma maior estabilidade financeira que mo permite. Há muitos actores que trabalham só em teatro e que ganham miseravelmente. A situação do actor em Portugal não é um mar de rosas. Sei que sou uma privilegiada e gosto de aproveitar esse privilégio da melhor forma. ●

rita.s.freire@sol.pt